



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Vol 18, Núm 3, novembro, 2025, pág. 203-241**

**Clínica dos Três Olhares e Relações Abusivas: ensaio teórico!**

**The Clinic of Three Perspectives and Abusive Relationships: A Theoretical  
Essay!**

**La clinique des trois perspectives et les relations abusives: un essai  
théorique!**

**Ewerton Helder Bentes de Castro<sup>1</sup>**

**Janderson Costa Meira<sup>2</sup>**

**Hadriely Regina Pessoa de Souza<sup>3</sup>**

**Muriel Kiane Guimarães Jacob<sup>4</sup>**

**Isabella Soares Faleiros<sup>5</sup>**

**Isabelle Menezes dos Santos<sup>6</sup>**

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). E-mail: [ewertonhelder@ufam.edu.br](mailto:ewertonhelder@ufam.edu.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPR. Psicólogo pelo Centro Universitário Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Ex-Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – \_LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [hadriely20@gmail.com](mailto:hadriely20@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5477-0835>

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [murielkiane@gmail.com](mailto:murielkiane@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5708-0072>

<sup>5</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [isabellafaleiros@gmail.com](mailto:isabellafaleiros@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3396-7604>

<sup>6</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-



## Resumo

A compreensão de relações abusivas é fundamental para a promoção do bem-estar psicológico e emocional dos indivíduos envolvidos. Este trabalho, intitulado "Clínica dos Três Olhares e Relações Abusivas", propõe análise multifacetada dessas dinâmicas, buscando explorar não apenas os fatores que contribuem para a formação de relacionamentos disfuncionais, mas também os métodos terapêuticos que podem ser eficazes na sua resolução. É um estudo teórico qualitativo. Observam-se várias dimensionalidades presentes e importantes no que tange à temática tão atual e contemporânea, uma vez que há um agama de fatores a serem levados em consideração. A Clínica dos Três Olhares propõe, a partir de seu amparo teórico fenomenológico, que o terapeuta compreenda a pessoa considerando o olhar sobre si mesmo, o olhar sobre o outro e o olhar que lança sobre o olhar do outro. Sendo este último o que se faz mais presente nas relações emocionais ditas abusivas. São consideradas algumas tmáticas importantes, tais como: um olhar sobre as relações abusivas, a Clínica dos Três Olhares, Impactos emocionais, Influência da cultura nas relações, Identificação de sinais de abuso, Consequências das relações abusivas, Intervenções e manejos, Conclui-se que a "Clínica dos Três Olhares", possibilita desvendar como as perspectivas individuais, no que tange à compreensão do olhar sobre si mesmo, o olhar sobre o outro e o olhar que lança sobre o olhar do outro, particularmente os das vítimas, tendo em vista que se entrelaçam para construir complexa trama de abuso e, por isso, torna-se premente observar essa pluridimensionalidade de fatores presentes e o aporte de significativas intervenções que impulsionem a pessoa abusada a enfrentar e superar estas situações, ainda muito presentes em nossa contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Clínica dos Três Olhares; relações abusivas; relacionamentos disfuncionais; enfrentamento; superação

## Abstract

Understanding abusive relationships is fundamental to promoting the psychological and emotional well-being of the individuals involved. This work, entitled "The Clinic of Three Perspectives and Abusive Relationships," proposes a multifaceted analysis of these dynamics, seeking to explore not only the factors that contribute to the formation of dysfunctional relationships, but also the therapeutic methods that can be effective in their resolution. It is a qualitative theoretical study. Several important dimensions are observed in relation to this very current and contemporary theme, since there is a range of factors to be taken into consideration.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

The Clinic of Three Perspectives proposes, based on its phenomenological theoretical support, that the therapist understand the person by considering their perspective on themselves, their perspective on the other, and the perspective they cast on the other's perspective. This last one is the most present in so-called abusive emotional relationships. Several important themes are considered, such as: a look at abusive relationships, the Clinic of the Three Perspectives, emotional impacts, the influence of culture on relationships, identification of signs of abuse, consequences of abusive relationships, interventions and management. It is concluded that the "Clinic of the Three Perspectives" makes it possible to unveil how individual perspectives, regarding the understanding of oneself, the perspective on the other, and the perspective cast upon the other's perspective, particularly those of victims, intertwine to construct a complex web of abuse. Therefore, it becomes crucial to observe this multidimensionality of factors present and the contribution of significant interventions that empower the abused person to confront and overcome these situations, which are still very present in our contemporary world.

**Keywords:** Three Perspectives Clinic; abusive relationships; dysfunctional relationships; coping; overcoming

### **Résumé**

Comprendre les relations abusives est fondamental pour promouvoir le bien-être psychologique et émotionnel des personnes concernées. Cet ouvrage, intitulé « La Clinique des Trois Perspectives et les Relations Abusives », propose une analyse multidimensionnelle de ces dynamiques, cherchant à explorer non seulement les facteurs contribuant à la formation de relations dysfonctionnelles, mais aussi les méthodes thérapeutiques susceptibles de les résoudre. Il s'agit d'une étude théorique qualitative. Plusieurs dimensions importantes sont observées en lien avec ce thème très actuel, compte tenu de la multitude de facteurs à prendre en compte. La Clinique des Trois Perspectives propose, sur la base de son cadre théorique phénoménologique, que le thérapeute comprenne la personne en considérant sa perspective sur elle-même, sa perspective sur l'autre et la perspective qu'elle porte sur celle de l'autre. Cette dernière est la plus présente dans les relations émotionnellement abusives. Plusieurs thèmes importants sont abordés, tels que : une analyse des relations abusives, la Clinique des Trois Perspectives, les impacts émotionnels, l'influence de la culture sur les relations, l'identification des signes d'abus, les conséquences des relations abusives, les interventions et la prise en charge. Il ressort de la « Clinique des trois perspectives » que l'on peut mettre en lumière comment les perspectives individuelles – la compréhension de soi, le regard porté sur autrui et le regard porté sur la perspective d'autrui, notamment celles des victimes – s'entremêlent pour former un réseau complexe de violence. Dès lors, il devient crucial d'observer cette multidimensionnalité des facteurs en présence et l'importance d'interventions



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

significatives qui permettent à la personne maltraitée d'affronter et de surmonter ces situations, encore très présentes dans notre monde contemporain.

**Mots-clés :** Clinique des Trois Perspectives ; relations abusives ; relations dysfonctionnelles ; adaptation ; surmonter

A compreensão de relações abusivas é fundamental para a promoção do bem-estar psicológico e emocional dos indivíduos envolvidos. Este trabalho, intitulado "Clínica dos Três Olhares e Relações Abusivas", propõe análise multifacetada dessas dinâmicas, buscando explorar não apenas os fatores que contribuem para a formação de relacionamentos disfuncionais, mas também os métodos terapêuticos que podem ser eficazes na sua resolução. Através de uma abordagem interdisciplinar, as discussões feitas aqui se pautarão em conceitos de psicologia, sociologia e dinâmicas de poder, apresentando um quadro abrangente das experiências vividas por aqueles que se encontram presos em ciclos de abuso (Nicolau, 2024).

Neste contexto, o *primeiro olhar*, intitulado de "Perspectiva do Indivíduo", o olhar sobre si mesmo que examina as características psicológicas e emocionais que muitas vezes permeiam o comportamento de pessoas que sofrem ou perpetuam abusos. A análise contempla fatores como a autoestima, a história familiar e as experiências de vida que moldam a percepção de amor e afeto. O *segundo olhar*, "Dimensões Relacionais", amplia o foco para as interações sociais e as expectativas culturais que influenciam o desenvolvimento e a manutenção de relações abusivas, ou seja, o olhar sobre o outro. Onde se percebem aspectos tais como a aceitação da violência nas relações e os papéis tradicionais de gênero que frequentemente reificam comportamentos abusivos (Castro, 2023; 2025; Castro & Meira, 2025; Silva & Castro, 2025; Meira et al., 2024).

Por fim, o *terceiro olhar*, o olhar sobre o olhar do outro, momento em que o processo interventivo trabalha no sentido de que a pessoa que sofreu abuso,



observe a importância que atribuiu a seu olhar sobre o olhar do outro e, dessa forma e, conseqüentemente, compreenda que minimizou o olhar sobre si mesmo e, pari passu, manteve-se em um locus de um olhar distorcido sobre si mesmo. Nesse momento, a compreensão deste último olhar, possibilita caminhar por si mesmo, mais seguro, mais dono do próprio caminhar e, quiçá, de si mesmo (Castro, 2023; 2025; Castro & Meira, 2025; Silva & Castro, 2025; Meira et al., 2024)

### 1. Um olhar sobre Relações Abusivas

Relações abusivas são, efetivamente, dinâmicas interpessoais nas quais um indivíduo exerce controle, manipulação ou violência sobre outro, resultando em um desequilíbrio significativo de poder. Por outro lado, conforme nos diz Castro (2023; 2025), Silva & Castro (2025), Meira & Castro (2024) é necessário que tenhamos em mente que, para que um abusador se faça presente, existe alguém que é abusado e, por sua vez, autorize o primeiro a sê-lo.

Esses relacionamentos podem manifestar-se em diferentes contextos, como amorosos, familiares, profissionais ou sociais, e envolvem comportamentos que visam desestabilizar a vítima emocional e fisicamente. O abuso pode ser classificado em diversas formas, incluindo o emocional, que envolve a humilhação, o controle coercitivo e a diminuição da autoestima; o físico, que se refere a agressões que causam danos corporais; e o sexual, que diz respeito à coerção ou manipulação em contextos íntimos. A capacidade do abusador de instigar o medo e a dependência na vítima é um traço central que perpetua esses ciclos de violência (Oliveira, 2025).

É importante ressaltar que relacionamentos abusivos raramente são claramente definidos ou facilmente identificáveis. Muitas vezes, iniciam-se de forma sutil, com comportamentos disfarçados de preocupação ou amor, que, com o tempo, evoluem para padrões de controle e intimidação mais evidentes. A natureza insidiosa do abuso também se reflete na dificuldade que as vítimas têm para reconhecer a situação como prejudicial. Fatores como a manipulação emocional



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

podem levar a um estado de confusão, onde a vítima se sente responsável pelo comportamento do abusador, distorcendo sua percepção da realidade. Além disso, o ciclo de violência, que inclui fases de tensão, explosão e reconciliação, contribui para a normalização do abuso, dificultando a ruptura desse padrão prejudicial (Hogeman, 2024).

Ao entender o conceito de relações abusivas, é essencial considerar também os contextos sociais, culturais e históricos que possibilitam a perpetuação dessas dinâmicas. As normas sociais que minimizam a gravidade da violência, assim como os estigmas associados à busca de ajuda, desempenham papel crucial na manutenção do silêncio e da submissão das vítimas. Portanto, discutir relações abusivas envolve não apenas a análise de comportamentos individuais, mas também a reflexão crítica sobre como as estruturas sociais podem criar e normatizar padrões de opressão e controle (Melo Vieira, Couto & Rocha, 2023). Reconhecer essa complexidade é fundamental no sentido de promover sensibilização necessária e, com isso, oferecer apoio e mecanismos de intervenção que visam romper o ciclo de abuso e promover relações saudáveis e respeitadas (Meira *et al.*, 2024).

## 2. A Clínica dos Três Olhares

A exploração da dinâmica relacional no contexto de relacionamentos abusivos revela insights profundos e multifacetados sobre as influências psicológicas, emocionais e socioculturais que moldam essas interações. Castro (2023; 2025) ao postular a "Clínica dos Três Olhares", revela como as perspectivas individuais, particularmente as de vítimas, agressores e testemunhas, se entrelaçam para construir complexa trama de abuso. Essa perspectiva embasada em pressupostos fenomenológicos e existenciais compreende a necessidade de entender não apenas os comportamentos explícitos, mas também as motivações subjacentes e as estruturas sociais que perpetuam esses relacionamentos tóxicos.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Além disso, as implicações dessa análise multidimensional e fenomenológica vão além dos limites dos casos individuais. Há necessidade de reflexão social mais ampla sobre os fatores sistêmicos que normalizam ou exacerbam comportamentos abusivos. Reconhecer que o abuso não é meramente questão privada, mas uma crise de saúde pública entrelaçada com questões de poder, normas de gênero e narrativas culturais, posiciona a sociedade como participante do discurso em torno de estratégias de prevenção e esforços de reabilitação. O diálogo e a educação contínuos são essenciais para dismantelar o estigma que cerca tais experiências e promover ambientes onde os sobreviventes se sintam seguros para buscar ajuda. Torna-se, conforme pressupõe Castro (2023; 2025), que ocorra mudança de paradigma em nossa compreensão das interações relacionais, levando-nos a um engajamento crítico com fatores arraigados que frequentemente ofuscam as realidades do abuso.

Assim, a "Clínica dos Três Olhares" fornece estrutura abrangente que incentiva o movimento empático e a ação fenomenológica e existencial informadas. Ao integrar estas perspectivas envolvidas no abuso, não apenas aprimoramos nossa compreensão dessas relações intrincadas, mas também iluminamos caminhos para intervenção e apoio. É imperativo que os esforços individuais e coletivos continuem a evoluir, promovendo a resiliência entre os sobreviventes e fomentando a responsabilização entre aqueles que perpetuam o dano. Ao olharmos para as relações abusivas a partir da Clínica dos Três Olhares, abre-se caminho para a transformação cultural que prioriza relacionamentos humanos, onde o respeito e a equidade são valores fundamentais.

## **2.1. Olhar Psicológico**

A análise do olhar psicológico sobre relações abusivas é fundamental para compreender as dinâmicas subjacentes que perpetuam tais vínculos. Através da Clínica dos Três Olhares (Castro, 2023), é possível desmistificar a complexidade



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

emocional e comportamental que caracteriza essas interações. Essa perspectiva postula a necessidade de explorar o olhar do abusado sobre si mesmo, sobre o outro – nest caso, o abusador – e sobre o olhar que lança sobre o olhar desse outro, possibilitando compreensão mais ampla do mundo-vivido, da experiência em si mesma e o sentido atribuído a essa relação.

Os impactos emocionais decorrentes de relações abusivas frequentemente resultam em percepções distorcidas duradouras que afetam não apenas o presente emocional da vítima, mas também sua capacidade de estabelecer novos relacionamentos. Sintomas como ansiedade, depressão, e transtorno de estresse pós-traumático são comuns nesse contexto, afetando a vida cotidiana e o bem-estar psicológico. O olhar psicológico também ressalta a percepção enviesada que as vítimas podem ter de si mesmas, frequentemente internalizando a culpa e a vergonha, elementos que muitas vezes são manipulados pelo agressor para manter o controle. A utilização de intervenções terapêuticas, que busquem restaurar a autoconfiança, um olhar genuíno sobre si mesmo, onde a compreensão de sentidos e significados atribuídos à relação, e dessa forma, promover o autorresgate necessário – redimensionamento da autoestima, autoimagem e autoconceito -, torna-se essencial para a recuperação. Essa perspectiva teórico-prática auxilia a pessoa na reconexão com suas emoções, contribuindo para a desconstrução do que fora experienciado e, dessa forma, o reconstitui-se a si mesmo, o apropriar-se de si mesmo torna-se o objetivo de toda a processualidade aí presente (Castro, 2023; 2025).

A compreensão das relações abusivas através do olhar psicológico envolve a análise não apenas das práticas abusivas, mas também dos profundos efeitos que estas geram no emocional das vítimas. Ao utilizar a Clínica dos Três Olhares, é possível criar espaço seguro onde se é fornecido apoio para cicatrizar feridas e reescrever narrativas pessoais, permitindo que os indivíduos recuperem seu poder e agente de transformação em suas vidas. Essa abordagem não apenas ilumina a



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dor e a complexidade da experiência vivida, mas também aponta para caminhos mais seguros e uma existencialidade em constante abertura ao novo, à mudanças que passam a se fazer presents a partir daí.

### 3. Impactos Emocionais

As relações abusivas frequentemente geram uma série de impactos emocionais profundos e duradouros, afetando não apenas a saúde mental da vítima, mas também sua capacidade de se relacionar com os outros de forma saudável (Castro, 2023). Os indivíduos envolvidos em tais dinâmicas podem experimentar uma gama de emoções negativas, como ansiedade, depressão, tristeza e perda significativa de autoestima (Ribeiro et al., 2025).

O abuso emocional, que muitas vezes se manifesta por meio de críticas constantes, desvalorização e controle, pode ser particularmente insidioso, tendo em vista que atinge o cerne da identidade da pessoa. Com o tempo, essa corrosão da autoconfiança pode resultar em isolamento social, com o indivíduo se afastando de amigos e familiares, temendo julgamento e rejeição (Queiroz & Lopes, 2025).

Precisamos lembrar que a relação abusiva provoca um estado de hipervigilância, onde a vítima se torna excessivamente sensível a sinais de desaprovação ou ameaça por parte do parceiro. Esse estado emocional pode desencadear reações de estresse e ansiedade que, com o tempo, podem se manifestar em problemas físicos, como distúrbios do sono, distúrbios alimentares ou até questões cardíacas. A resposta fisiológica ao estresse constante fortalece o círculo vicioso do abuso, levando a pessoa a experimentar sentimentos de impotência, desamparo e desesperança. O que é mais alarmante é que a manipulação psicológica aplicada em ambientes abusivos pode fazer com que a vítima duvide de sua própria percepção da realidade, um fenômeno conhecido como *gaslighting*. Este processo não apenas destrói a autoimagem da vítima, mas



**Revista AMazônica, LAMESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

também dificulta sua capacidade de reconhecer e escapar da relação abusiva. (Pinheiro et al., 2025).

É importante destacar que os impactos emocionais não se limitam ao período da relação abusiva. As marcas deixadas por essas experiências podem afetar o relacionamento da pessoa com novos parceiros, em que desconfiança e medo são elementos continuamente presentes, ou gerando, a partir daí, um padrão repetitivo de escolha de parceiros abusivos. A recuperação pode ser um processo longo e complexa, exigindo suporte psicológico adequado (Castro & Meira, 2025).

### 3.1. O contexto Sociológico

A análise sociológica das relações abusivas revela um contexto social intrincado, no qual as dinâmicas de poder desempenham papel central na configuração das experiências interpessoais. As relações, muitas vezes fundamentadas em estruturas de domínio e submissão, são moldadas por fatores como classe social, gênero, etnia e orientação sexual. O entrelaçamento desses elementos não apenas afeta a dinâmica das relações pessoais, mas também perpetua padrões de abuso, trazendo à tona a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que considere a intersecção entre as dimensões sociais e individuais (Jacinto et al., 2024).

O contexto social das relações caracteriza-se pela internalização de normas e valores que, em muitos casos, como os que se fazem presentes nas abusivas, legitimam violência e controle. O patriarcado, por exemplo, ainda se manifesta de forma significativa em várias culturas, sustentando sistemas que marginalizam determinadas identidades e promovem a desigualdade. As expressões de poder se manifestam nas interações cotidianas, onde ações aparentemente triviais, como a imposição de decisões ou o controle sobre recursos, podem ser indicativas de relacionamento abusivo. Ao considerar a sociologia deste fenômeno, torna-se



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

imperativo analisar como a socialização e a educação contribuem para a formação de indivíduos que reproduzem ou desafiam tais dinâmicas (Nery et al., 2024).

As dinâmicas de poder nas relações abusivas não operam de forma isolada; elas são alimentadas por estruturas sociais mais amplas, como instituições legais, políticas públicas e práticas culturais prevalentes. A marginalização das vítimas nas esferas pública e privada frequentemente resulta em um silenciamento que favorece o abusador. Assim, a análise sociológica ilumina tanto as consequências dos abusos quanto as formas de resistência e empoderamento que emergem em meio a contextos sociais adversos. O reconhecimento da complexidade dessas relações e a interconexão entre o indivíduo e o social são fundamentais para o desenvolvimento de estratégias de intervenção eficazes que visem romper ciclos de abuso e promover um ambiente social propício à igualdade e ao respeito mútuo (Sella et al., 2024).

### 3.2. Dinâmicas de Poder

As dinâmicas de poder nas relações abusivas não são simplesmente uma questão de conflito ou desentendimento; elas são intrinsecamente ligadas às estruturas sociais e culturais que perpetuam desigualdades. O poder pode ser manifesto de várias formas, sendo uma dessas maneiras a manipulação psicológica, que permite ao opressor influenciar e moldar a percepção da vítima sobre a realidade. Essa manipulação frequentemente se apresenta como um jogo de controle mental, em que o agressor desestabiliza a autoconfiança da pessoa abusada, levando-a a acreditar que suas preocupações e experiências não são válidas. A linguagem sutil de desvalorização e deslegitimação reforça uma dinâmica em que o opressor se torna a única fonte de validação, contribuindo para um ciclo vicioso de dependência e submissão (Barbosa & Silva, 2024; Viana & Costa, 2024).

Além disso, as relações abusivas escavam bem fundo nas expectativas sociais sobre gênero, classe e poder. As normas culturais muitas vezes sustentam



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a ideia de que a submissão é um dever, especialmente em contextos familiares ou de parceria. Isso se traduz em formas de poder que operam silenciosamente, onde as vítimas podem sentir-se impotentes diante de uma autoridade que se institucionaliza e cujo discurso é naturalizado pelo ambiente em que se inserem. Fatores como a cultura do machismo, o estigma em torno da vulnerabilidade emocional e a penalização da busca por ajuda, podem criar um espaço propício para que as dinâmicas de controle se intensifiquem (Castro, 2023).

As consequências dessas dinâmicas são profundas e abrangentes, não só para os indivíduos diretamente envolvidos, mas para o tecido social em que estão inseridos. O enfrentamento dessas relações abusivas requer não apenas a conscientização individual, mas também um movimento coletivo que questione e reformule as normas sociais que legitimam tais comportamentos. As práticas de apoio e intervenção, portanto, devem ser fundamentadas numa análise crítica das estruturas de poder que governam as interações sociais, promovendo, assim, um ambiente mais equitativo e respeitoso. Reconhecer e entender essas dinâmicas é o primeiro passo para a transformação e a quebra do ciclo de abuso, explorando formas de empoderamento e recuperação que possam restaurar a autonomia das vítimas (Silva & Castro, 2025).

### 3.3. O contexto Cultural

O olhar cultural sobre as relações interpessoais, especialmente em contextos de relações abusivas, abre uma nova dimensão de análise que vai além do indivíduo e das interações imediatas. A cultura, como um conjunto de valores, normas e práticas compartilhadas, molda as percepções e comportamentos das pessoas em todo o mundo. As relações abusivas muitas vezes se manifestam em contextos onde normas culturais sobre poder, gênero e submissão são reforçadas. Em diversas sociedades, certas práticas podem ser legitimadas ou minimizadas através de narrativas culturais que perpetuam a ideia de que a dominação e o



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

controle são aceitáveis em dinâmicas de relacionamento. Assim, a desconstrução dessas narrativas é essencial para a prevenção e intervenção em casos de abusos (Farias & Barreto, 2025).

A influência da cultura também se reflete nas representações midiáticas. Os meios de comunicação desempenham um papel crucial na formação de estereótipos e na validação de certos comportamentos dentro das relações. Por exemplo, muitas produções cinematográficas e televisivas perpetuam a romantização do comportamento abusivo, fazendo com que ações controladoras e possessivas sejam vistas como demonstrações de amor (Wenczenovicz *et al.*, 2025).

Essas representações não apenas normalizam práticas prejudiciais, mas também dificultam a identificação de relações abusivas, desafiando os indivíduos a reconhecerem o que constitui um relacionamento saudável. Portanto, é imperativo que os profissionais, ao abordar questões de relações abusivas na clínica, integrem uma análise crítica da cultura midiática, questionando como essas narrativas influenciam práticas e expectativas sociais (Batista & Dan, 2025).

A educação culturalmente informada deve ser uma prioridade na luta contra relações abusivas. É fundamental promover a conscientização sobre a diversidade cultural e suas implicações nas dinâmicas de poder e submissão. Ao reconhecer a intersecção entre cultura, mídia e a formação de identidades, os profissionais podem apoiar efetivamente aqueles que vivenciam abuso, oferecendo ferramentas de resiliência e empoderamento. A criação de espaços de diálogo que desafiem as normas culturais e promovam representações saudáveis nas mídias é um passo vital. Essa abordagem não só busca prevenir a violência, mas também visa cultivar um ambiente social que valorize a igualdade, o respeito e o apoio mútuo, possibilitando assim relações mais saudáveis e equilibradas (Bechara *et al.*, 2025; Viana & Costa, 2024)



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

#### 4. Influência da Cultura nas Relações

A cultura é um elemento determinante nas dinâmicas das relações interpessoais, moldando comportamentos, expectativas e normas sociais. Desde os papéis de gênero até as expressões de afeto, a cultura fornece um contexto que influencia como os indivíduos se relacionam e interpretam as interações alheias. Em muitas sociedades, a construção de um ideal de masculinidade e feminilidade pode impelir indivíduos a adotar comportamentos que perpetuam relações abusivas, encorajando, por exemplo, a dominação ou a submissão em vez da equidade e do respeito mútuo. Essas construções culturais não são estáticas, mas sim dinâmicas, ajustando-se conforme avança a sociedade, embora ainda possam carregar vestígios de tradições que marginalizam certos grupos. (Marcon et al., 2021)

Além disso, a cultura não opera de maneira isolada; ela interage com diversas esferas da vida social, como a educação, a religião e os meios de comunicação. As normas e valores disseminados por esses fatores podem reforçar estereótipos ou promover novos modelos de relações, impactando diretamente a saúde emocional e psicológica dos indivíduos. Por exemplo, a forma com que os conteúdos midiáticos retratam as relações amorosas e familiares pode servir tanto como um espelho da realidade quanto como um formador de expectativas, influenciando a maneira como as pessoas percebem e vivenciam seus relacionamentos. Assim, a representação da vulnerabilidade, da agressividade ou da parceria nas narrativas midiáticas pode criar preconceitos, gerar comparação e, em muitos casos, normalizar comportamentos nocivos (Castro, 2023).

Em contextos onde a cultura propõe ideais de amor romântico que desconsideram a autonomia pessoal, o risco de entidades abusivas torna-se alarmante. A internalização dessas mensagens culturais pode dificultar a percepção de relações prejudiciais, fazendo com que as vítimas considerem comportamentos abusivos como normais ou aceitáveis. Por isso, a conscientização



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e a educação cultural são fundamentais para cultivar relacionamentos mais saudáveis. Discutir a influência da cultura nas relações permite uma profundidade na análise das interações humanas, destacando a necessidade de transformar as narrativas culturalmente enraizadas para promover a igualdade, o respeito e a empatia nos relacionamentos. Isso revela a complexidade das conexões humanas, que não são apenas pessoais, mas também sociais e culturais, exigindo um olhar amplo e crítico sobre os paradigmas em que estão inseridas (Silva & Castro, 2025).

#### 4.1. Representações Midiáticas

A representação midiática desempenha um papel crucial na formação das percepções sociais e na construção de narrativas sobre as relações abusivas. Com o advento de plataformas digitais e a proliferação das redes sociais, as representações dessas relações se tornaram mais acessíveis e, ao mesmo tempo, mais complexas. Em muitas produções audiovisuais, tais como filmes, séries e documentários, as dinâmicas de poder, controle e submissão frequentemente ganham destaque, revelando como esses padrões estão profundamente enraizados na sociedade. A forma como os relacionamentos abusivos são retratados pode tanto contribuir para a normalização desses comportamentos quanto servir para dismantelar estigmas, quando abordados com a sensibilidade necessária (Aragão et al., 2025).

Mídias tradicionais, como a televisão e o cinema, muitas vezes perpetuam estereótipos de gênero que reforçam a ideia de que as relações abusivas são normais ou inevitáveis. Exemplos são recorrentes na forma como as narrativas românticas representam a paixão intensa e a possessividade, frequentemente confundindo comportamentos controladores com amor verdadeiro. Contudo, discursos críticos que emergem em mídias contemporâneas têm promovido uma mudança nessa representação, destacando o empoderamento das vítimas e a



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

importância do consentimento, bem como facilitando diálogos sobre a saúde mental e o impacto emocional de tais relacionamentos (Almeida & Fornasier, 2025).

As representações midiáticas atuam ainda como ferramentas educacionais, proporcionando um espaço para a reflexão coletiva e a conscientização sobre a violência em relações interpessoais. A forma como esses temas são discutidos na mídia pode influenciar a compreensão pública, incentivando a denúncia e a busca por ajuda entre aqueles que se encontram em situações de abuso. Desse modo, o impacto das representações midiáticas transcende o entretenimento, fazendo parte de um contexto social mais amplo que busca reconhecer e dismantelar estruturas de opressão, constituindo um percurso essencial para a transformação cultural em relação à compreensão das relações abusivas (Castro, 2023; Bittencourt & Mendes, 2022)

## 5. Identificação de Sinais de Abuso

A identificação de sinais de abuso é uma etapa crucial para o reconhecimento e subsequente intervenção em relações prejudiciais. Muitas vezes, esses sinais não são imediatamente evidentes; eles podem gradualmente se manifestar, tornando-se parte do cotidiano da vítima e dificultando a percepção do abuso como uma realidade. O entendimento dessas manifestações é essencial para a promoção de um ambiente seguro e respeitoso, que permita à vítima reconhecer seu sofrimento e buscar ajuda (Silva & Silva, 2025).

Os sinais físicos de abuso costumam ser os mais visíveis, incluindo marcas de agressões, hematomas, cortes e outras lesões. No entanto, é importante ressaltar que a ausência de evidências físicas não valida a presença de abuso. Nesse contexto, as ameaças de violência, mesmo que não concretizadas, podem ser profundamente impactantes, gerando um estado de medo constante na vítima. É igualmente crucial atentar para as nuances na saúde física da pessoa, como o surgimento súbito de doenças, distúrbios alimentares ou problemas relacionados



aos cuidados pessoais, que podem indicar a presença de um ambiente abusivo (Doretto & Neto, 2025; Silva & Rocha, 2024).

Além dos sinais físicos, é necessário considerar os sinais psicológicos que muitas vezes apresentam uma face mais insidiosa do abuso. A vítima pode exibir sintomas depressivos, ansiedade elevada, perda de autoestima ou até mesmo comportamentos autodestrutivos. Fechamentos emocionais e o deslocamento da realidade também podem ser notados, com a vítima se sentindo impotente e confusa em relação aos seus próprios sentimentos. Por último, os sinais comportamentais, como o isolamento social, mudanças drásticas na rotina ou no círculo de amizades, também merecem atenção (Libório & Mendonça, 2025).

Muitas vezes, a vítima pode se afastar de amigos e familiares, tornando-se reclusa sob a influência do abusador, que procura reforçar o controle sobre sua vida. Assim, a combinação de sinais físicos, psicológicos e comportamentais oferece um panorama mais claro sobre a complexidade das relações abusivas, permitindo intervenções mais eficazes e focadas no bem-estar da vítima (Costa et al., 2025)

### 5.1. Sinais Físicos

As relações abusivas muitas vezes se manifestam por meio de sinais físicos que são cruciais para a identificação de uma dinâmica prejudicial. Esses sinais podem incluir, mas não se limitam a, lesões visíveis, como hematomas, cortes ou queimaduras, que não têm uma explicação adequada e levantam sérias preocupações sobre a segurança da pessoa envolvida. Além disso, a frequência, a localização e a gravidade das lesões podem fornecer insights valiosos sobre a natureza do abuso. Por exemplo, hematomas recorrentes em áreas frequentemente cobertas por roupas, como braços e costas, podem sugerir um padrão contínuo de agressividade física (Ribeiro et al., 2025).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - e-ISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Além das lesões visíveis, a pessoa pode apresentar sinais de conduta que coincidem com a presença de abuso físico. Uma postura defensiva, como manter os braços cruzados, evitar o contato visual ou exibir movimentos de retração, pode ser evidência de que a vítima está em um ambiente onde a agressão física é uma possibilidade constante. Observações sobre mudanças no peso, que podem resultar de estresse, ansiedade ou medo, também são relevantes. Perda ou ganho excessivo de peso, territórios que possam ser controlados em termos de alimentação, e alterações nos padrões de sono são indicadores que não devem ser subestimados, pois frequentemente estão ligados a experiências traumáticas (Toledo et al., 2025).

Em um contexto mais amplo, a relação entre os sinais físicos e os vetores psicológicos e comportamentais do abuso é intensa e interligada. Lesões físicas podem ser acompanhadas por uma série de manifestações emocionais que corroboram a presença de abusos, como a ansiedade, a depressão e a vergonha intensa. Reconhecer esses sinais físicos não é apenas um ato de observação, mas um passo vital em direção à intervenção e ao suporte. A compreensão desses indicadores dentro do cenário das relações abusivas capacita tanto os profissionais da saúde quanto os suportes das vítimas a agir de maneira informada, oferecendo um caminho para a recuperação e a construção de um ambiente mais seguro e saudável. Essa análise multidimensional dos sinais físicos com certeza aprimora a capacidade de reconhecimento e intervenção em situações de abuso, destacando a importância de uma abordagem holística que inclua, também, o apoio emocional e psicológico (Almeida, 2025; Silva & Pagnard, 2025; Silva & Paulino, 2022)

## 5.2. Sinais Psicológicos

Os sinais psicológicos em relações abusivas frequentemente se manifestam através de uma variedade de comportamentos e sentimentos que podem ser sutis, mas têm um impacto profundo na saúde mental da vítima. Um dos primeiros



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

indicadores é a diminuição da autoestima, frequentemente acompanhada por sentimentos de inadequação e autocrítica exacerbada. O agressor, em sua tentativa de controle, pode desvalorizar ou criticar constantemente a parceira, levando-a a internalizar essa negatividade e a se sentir incapaz de tomar decisões. Essa desvalorização não só afeta a autoconfiança, mas também cria um estado emocional que pode resultar em depressão ou ansiedade, condições comuns entre aqueles que sofrem violência emocional (Castro, 2023).

Além disso, o isolamento social é um sinal alarmante, onde a vítima pode ser gradativamente afastada de amigos e familiares. Esse afastamento é frequentemente justificado pelo agressor como uma forma de "proteger" a parceira ou um pedido de dedicação exclusiva, mas visa, em verdade, anular as redes de apoio que poderiam oferecer um contra peso ao controle exercido pelo abusador. Nesse contexto, os sentimentos de solidão e desamparo se intensificam, e a vítima pode começar a acreditar que não possui mais opções ou recursos para escapar da situação. Esse ciclo vicioso de abuso psicológico frequentemente deixa marcas invisíveis que podem ser tão severas quanto as oriundas do abuso físico (Pinheiro et al., 2025).

Sentimentos de culpa e vergonha frequentemente permeiam a experiência diária de quem vive uma relação abusiva. A vítima pode se culpar pelos episódios de violência, acreditando que de alguma forma provocou a ira do parceiro. Esse estado de autoanálise prejudicial não apenas perpetua o ciclo de abuso, mas pode também levar a comportamentos autodestrutivos, como o uso de substâncias ou tentativas de buscar refúgio em relacionamentos ainda mais tóxicos. Os sinais psicológicos de abuso são, portanto, intrinsecamente complexos e requerem uma análise cuidadosa para que as vítimas possam reconhecer a dinâmica de poder em jogo e, eventualmente, buscar a ajuda necessária para quebrar o ciclo de violência e reconstruir sua autoimagem e saúde mental (Almeida, 2025; Rivelli, 2025).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### 5.3. Sinais Comportamentais

Os sinais comportamentais que indicam a presença de relações abusivas podem se manifestar de diversas maneiras, refletindo dinâmicas de poder e controle que afetam tanto a saúde emocional quanto a liberdade pessoal da vítima. Muitas vezes, esses comportamentos são sutis, mas podem evoluir para padrões mais evidentes. Por exemplo, é comum que a vítima de abuso comece a exibir comportamentos de isolamento, afastando-se de amigos e familiares, fruto da manipulação por parte da pessoa abusiva, que busca controlar o convívio social e enfraquecer o apoio externo. Além disso, a insegurança pode se manifestar em constante verificação, como a necessidade de validação e aprovação do parceiro em decisões cotidianas, refletindo um estado de submissão e medo de desagradar (Costa et al., 2025).

Ademais, mudanças no comportamento usual da vítima podem ser um indicativo claro de abuso. Mudanças como a diminuição de atividades que antes eram valorizadas ou a adoção de novos hábitos apenas para corresponder às expectativas do parceiro são sinais significativos. A vítima pode começar a mentir sobre suas atividades sociais ou a evitar situações que poderiam levar a conflitos, revelando um estado de ansiedade crônica. O medo de represálias, que pode se manifestar em comportamentos como a evitação de discussões ou mesmo a autoacusação, é ainda outro sinal preocupante. Ela pode passar a acreditar que não merece ser feliz, levando à diminuição de autoestima e ao surgimento de comportamentos autodepreciativos (Carvalho Assis, 2025).

Dessa forma, a coação emocional frequentemente se revela através de reações exageradas a críticas ou a sensação constante de estar sob vigilância, criando um ambiente hostil e cheio de tensão. Tais comportamentos não apenas prejudicam a autonomia da vítima, mas também perpetuam ciclos de violência que tornam cada vez mais desafiador romper com a relação abusiva. A identificação desses sinais comportamentais é crucial para o reconhecimento de relações



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

disfuncionais e para a adoção de estratégias de intervenção que promovam o bem-estar e a recuperação da individualidade. Em um esforço contínuo para oferecer apoio, é essencial sensibilizar as pessoas sobre esses indicadores, possibilitando um diálogo mais aberto e facilitando a busca por ajuda profissional.

## 6. Consequências das Relações Abusivas

As relações abusivas trazem consigo uma gama prognóstica de consequências que permeiam a vida dos indivíduos envolvidos, desafiando não apenas sua saúde mental mas também repercutindo em esferas sociais e legais. A dinâmica opressora e controladora da relação gera um ambiente tóxico, que pode culminar em distúrbios emocionais significativos, como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Os sentimentos de vergonha, culpa e impotência frequentemente atormentam as vítimas, levando a um ciclo vicioso de autoimagem negativa e isolamento social. Assim, a saúde mental dos indivíduos se degrada, colocando-os em risco de sofrimento psicológico prolongado e até condições de saúde física deterioradas (Souza Lima, 2024).

Além do impacto psicológico, as consequências nas relações pessoais dos indivíduos são profundamente sentidas. Amigos e familiares podem sofrer o impacto desse ambiente abusivo, pois a vítima frequentemente se distancia de seus círculos sociais, afetando a dinâmica familiar e as conexões sociais. A deterioração das habilidades sociais e a incapacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis são marcas indelévels que as vítimas podem carregar, comprometendo sua capacidade de se reintegrar ao convívio social. Adicionalmente, as relações abusivas podem propagar um ciclo geracional, pois crianças expostas a tais dinâmicas tendem a normalizar comportamentos abusivos, perpetuando o ciclo através das gerações (Silva & Castro, 2025).

No âmbito legal, as vítimas de relações abusivas enfrentam labirinto de desafios. A falta de apoio e compreensão muitas vezes desencoraja a busca por



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ajuda, enquanto a legislação atual ainda apresenta lacunas que dificultam a proteção efetiva das vítimas. A presença de testemunhos jurídicos sobre agressões ou abusos pode não assegurar uma resposta adequada do sistema judicial, levando as vítimas a sentir-se desprotegidas. Essas dimensões evidenciam a necessidade de uma abordagem multifacetada para a intervenção em relações abusivas, que considere tanto o auxílio psicológico quanto o fortalecimento da resposta legal. Portanto, entender as consequências abrangentes das relações abusivas é um passo vital para fomentar recursos e estratégias que ajudem as vítimas a superar o trauma e restaurar suas vidas em ambiente seguro e saudável (Castro, 2023).

#### 6.1. Saúde Mental

Relações abusivas têm um impacto profundo e multifacetado na saúde mental dos indivíduos. A experiência de conviver em um ambiente de controle, manipulação ou violência não apenas altera o bem-estar imediato, mas também pode estabelecer padrões de comportamento desadaptativos que persistem mesmo após a ruptura desse relacionamento. A vitimização, frequentemente acompanhada por desvalorização e humilhação, leva a um desgaste emocional significativo. Indivíduos que experimentam violência emocional e física frequentemente relatam sintomas de transtornos de ansiedade, depressão e, em casos mais extremos, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). A sensação de impotência e a falta de controle sobre as próprias vidas aumentam a vulnerabilidade psicológica, gerando um ciclo vicioso de sofrimento mental (Pinheiro et al., 2025).

Além disso, as relações abusivas podem prejudicar o autoconceito e a autoestima do indivíduo, criando crenças negativas sobre si mesmo que dificultam a recuperação. Muitas vítimas enfrentam o dilema de aceitar a culpa ou o medo de retaliação, perpetuando um estado de alerta constante e ansiedade. Esse ambiente tóxico pode resultar em isolamento social, onde a vítima se afasta de amigos e



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

familiares, exacerbando a solidão e o desamparo. Reconhecer os sinais de abuso é um passo crucial para a recuperação e a restauração da saúde mental. O tratamento psicológico, como a terapia cognitivo-comportamental, pode ser um recurso poderoso para reconfigurar padrões de pensamento negativos e restaurar o senso de identidade (Granja et al., 2024; Jacinto et al.2024).

Nesse sentido, a promoção da saúde mental deve incluir intervenções específicas que abordem não apenas os danos imediatos, mas também as sequências de eventos que resultam em desfechos potencialmente trágicos. Esses tratamentos devem ser integrados à educação e à conscientização em torno das dinâmicas abusivas das relações, garantindo que as vítimas possam encontrar suporte e desenvolver resiliência. Por meio de uma abordagem abrangente e holística, é possível transformar o estigma em compreensão, encorajando indivíduos a buscar ajuda e reescrever suas narrativas de vida, onde a dor se transforma em empoderamento e liberdade (Araújo, 2025; Santos et al., 2025).

## 6.2. Impacto na Vida Pessoal

As relações abusivas exercem um impacto profundo na vida pessoal dos indivíduos envolvidos, frequentemente manifestando-se em diversas esferas, como a social, a emocional e a econômica. Inicialmente, a experiência de estar em um relacionamento abusivo pode levar ao isolamento social, onde a vítima se vê afastada de amigos e familiares, muitas vezes devido ao controle exercido pelo abusador. Esse afastamento não apenas compromete o suporte emocional que poderia ser oferecido por entes queridos, mas também pode resultar em um profundo sentimento de solidão e desamparo, alimentando um ciclo vicioso de dependência e vulnerabilidade (Costa et al., 2024)

Além do isolamento, os efeitos psicológicos derivados de relações abusivas podem impactar a autoestima e a autoconfiança da vítima. Muitos indivíduos desenvolvem uma autoimagem negativa, frequentemente internalizando a mensagem de que são indignos de amor ou respeito, o que pode dificultar a



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

construção de relacionamentos saudáveis no futuro. Essa desvalorização pessoal torna-se um obstáculo significativo, não apenas na esfera afetiva, mas também nas interações profissionais e sociais, onde a insegurança pode se manifestar em hesitação, dificuldades de comunicação e aversão a novas experiências (Oliveira & Lima, 2024).

O impacto nas finanças pessoais também não pode ser subestimado. Muitas vítimas de abuso encontram-se em situações financeiras precárias, resultado de manipulação econômica ou controle financeiro por parte do parceiro abusivo. Essa dependência econômica pode limitar ainda mais as opções da vítima, reduzindo sua capacidade de sair da relação abusiva ou de buscar apoio. Muitas vezes, o medo e a incerteza quanto a uma vida independente impedem o rompimento do ciclo abusivo, perpetuando a situação de sofrimento (Brasileiro et al., 2025).

Conclui-se que o impacto de relações abusivas na vida pessoal é multifacetado, afetando não apenas a saúde mental e emocional, mas também a socialização e a estabilidade financeira. A recuperação dessas experiências é complexa e exige um processo cuidadoso, envolvendo, muitas vezes, apoio psicológico e social substancial para ajudar o indivíduo a resgatar seu senso de identidade e construir um futuro mais saudável e seguro.

## 7. Intervenções e Manejos

A abordagem terapêutica em contextos de relações abusivas é multifacetada, englobando intervenções que variam desde a terapia individual até programas de apoio em grupo. A terapia individual proporciona um espaço seguro para que a vítima possa explorar seus sentimentos, compreender dinâmicas de poder e abuso, e desenvolver estratégias para a recuperação emocional. Este tipo de intervenção é particularmente benéfico, pois permite um atendimento personalizado, onde o terapeuta pode adaptar métodos e técnicas às necessidades e ao histórico do paciente (Leite et al., 2025).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A Clínica dos Três Olhares, possibilita em seu manejo clínico, que o olhar dessa mulher ao voltar-se para si mesma, permit air além da distorção experienciada até aquele momento. Com isso, reestrutura-se a concepção sobre ela própria, pensamentos distorcidos e fortalecimento da autoestima, autoimagem e auto conceito, o que essa proposta de clínica nomina de autorresgate, fomentando a superação da situação de abuso (Silva & Castro, 2025; Castro, 2023).

A terapia de grupo oferece um complemento valioso às intervenções individuais, criando uma rede de apoio entre pessoas que compartilham experiências similares. Esse formato terapêutico possibilita a troca de experiências e a validação das emoções, frequentemente invisibilizadas em situações de abuso. Nesses grupos, os participantes têm a oportunidade de aprender uns com os outros, desenvolvendo habilidades interpessoais que fomentam um senso renovado de identidade e de coletividade. Além disso, a dinâmica em grupo pode ajudar a desmistificar o sentimento de isolamento comum entre as vítimas, reforçando a ideia de que a recuperação não é um caminho solitário (Leite et al., 2025; Carvalho Assis, 2025).

Os programas de apoio, que incluem recursos como linhas de ajuda, serviços de acolhimento e workshops de empoderamento, complementam essas intervenções. Tais programas são essenciais para fornecer informações sobre direitos legais e opções de suporte, além de orientar as vítimas em suas jornadas de recuperação. Intervenções eficazes em contextos de relações abusivas, portanto, são direcionadas a oferecer um suporte robusto e holístico, almejando não apenas a cura emocional, mas também a capacitação das vítimas para que reconstruam suas vidas de maneira autônoma e resiliente. Essa rede de intervenções, atuando em conjunto, é fundamental para garantir que as vítimas possam não apenas se recuperar, mas também se reerguer em direção a um futuro livre de abusos (Santos & Amorim, 2024; Mazitelli et al., 2023).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### 7.1. Terapia Individual

A terapia individual emerge como intervenção fundamental dentro do contexto das relações abusivas, proporcionando espaço seguro e confidencial para que os indivíduos possam explorar as nuances de suas experiências e emoções. Este formato terapêutico permite que os pacientes analisem suas interações e padrões comportamentais em um ambiente que prioriza a empatia e o respeito, essencial para a construção de uma relação terapêutica saudável (Castro, 2023).

Durante as sessões, o terapeuta atua como facilitador, guiando o paciente no reconhecimento de traumas, medos e dinâmicas que podem ter contribuído para sua vulnerabilidade em situações de abuso. Através da Clínica dos Três Olhares e suas técnicas variadas, o terapeuta endereça a necessidade de redimensionar o modo como essa mulher se vê, como concebe o mundo, a vida, o outro e a si mesma. Com isso, os contextos de abuso são revistos e modificados (Castro, 2023).

Esse processo terapêutico não apenas promove sensibilização sobre a natureza das relações abusivas, mas também oferece estratégias práticas para o fortalecimento emocional e a autonomia. O desenvolvimento de habilidades de assertividade, por exemplo, é crucial, uma vez que permite aos pacientes estabelecerem limites saudáveis em suas futuras interações. Além disso, a terapia individual incentiva a elaboração de um novo senso de identidade, desvinculado do papel de vítima. Esta reestruturação da autoimagem, que pode ter sido deturpada por experiências negativas, é vital para a recuperação e reconstrução da confiança. Na medida em que os pacientes avançam psicologicamente, aqueles que vivenciaram relações abusivas começam a perceber a possibilidade de libertação e o potencial para construir relacionamentos saudáveis e equilibrados (Castro, 2025; Silva & Castro, 2025).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A meu ver, a terapia individual não é apenas ferramenta para processamento emocional, mas meio de capacitação emocional e social, objetivando o empoderamento pessoal. Ao longo de suas sessões, os pacientes são encorajados a refletir sobre suas histórias de vida, promovendo entendimento profundo das interações interpessoais que moldaram sua realidade. Essa prática possibilita a integração das experiências passadas com a capacidade de visualizar um futuro mais saudável e baseado em respeito mútuo. Com a abordagem adequada, a terapia individual se transforma em alicerce no caminho para a cura, enfatizando a importância da individualidade no processo de recuperação das feridas deixadas por relações abusivas.

## 7.2. Terapia de Grupo

A terapia de grupo emerge como intervenção poderosa no contexto das relações abusivas, proporcionando espaço seguro onde os participantes podem compartilhar suas experiências e receber suporte mútuo. Essa modalidade terapêutica é fundamentada na interação entre indivíduos que enfrentam desafios semelhantes, permitindo a troca de perspectivas que enriquecem a compreensão das dinâmicas relacionais prejudiciais. No grupo, as pessoas podem explorar não apenas os traumas e as dores causados por relacionamentos abusivos, mas também as estratégias de enfrentamento, a construção da autoestima e o fortalecimento da resiliência emocional (Silva, 2024).

Os benefícios da terapia de grupo vão além do simples apoio emocional; ela fomenta a percepção de que os facilitadores não estão sozinhos em suas lutas, contribuindo para a diminuição do estigma associado ao abuso. Ao compartilhar relatos pessoais, cada membro do grupo é convidado a refletir sobre o impacto de suas vivências e a considerar novas formas de entender as interações, promovendo assim o autocuidado e o autoconhecimento. A presença de outros participantes, que vivenciam ou já vivenciaram situações como as suas, cria uma atmosfera de



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

empatia e acolhimento onde o crescimento pessoal se torna uma consequência natural (Vale et al., 2025).

A condução de grupos terapêuticos pode ser mediada por profissionais qualificados, cuja função não se limita a facilitar discussões, mas também a criar um ambiente estruturado que respeite os desafios individuais frente ao coletivo. Técnicas como role-playing, feedback manual e exercícios focados na comunicação são algumas das abordagens utilizadas para estimular a compreensão e a análise crítica dos comportamentos abusivos, tanto em si mesmos como em outros. Por meio dessas dinâmicas, os participantes aprendem a aplicar novas habilidades em suas vidas cotidianas, potencializando processos de cura e reestruturação de relações saudáveis. Com o tempo, muitas pessoas relatam aumento de sua capacidade de estabelecer limites saudáveis e desenvolver relacionamentos mais equilibrados, transformando a dor e o sofrimento em crescimento e autodescoberta (Castro, 2023).

### 7.3. O Papel da Família e Amigos

A família e os amigos desempenham papel fundamental no contexto de relações abusivas, servindo como pilares de apoio e proteção, além de fontes de alerta e conscientização. O apoio emocional que estes círculos próximos oferecem é essencial para a saúde mental e o bem-estar dos indivíduos que vivenciam experiências de abuso. Ao criar ambiente seguro e acolhedor, familiares e amigos podem facilitar a comunicação, permitindo que a vítima se sinta confortável ao compartilhar suas vivências. Essa relação de confiança é vital, pois o reconhecimento da dor e da luta enfrentadas, muitas vezes, proporciona à vítima uma nova perspectiva e coragem para buscar ajuda ou sair da situação abusiva. Esse suporte emocional deve ser acompanhado de uma escuta ativa, na qual os sentimentos da vítima são validados, evitando julgamentos que possam agravar o sofrimento psicológico (Ferreira et al., 2025).



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Além do apoio, é importante que família e amigos estejam atentos a sinais de que pessoa próxima possa estar em uma relação abusiva. Esses sinais podem variar, desde mudanças visíveis no comportamento e na alimentação até a diminuição das interações sociais e o surgimento de marcas físicas. O reconhecimento precoce dessas indicações é essencial, pois muitas vezes a vítima pode não se dar conta de que está em situação tóxica ou pode ter dificuldades para expressar o que está acontecendo. Intervir em tempo pode fazer a diferença entre a continuidade do ciclo abusivo e a possibilidade de uma intervenção benéfica. O papel de educar-se sobre dinâmicas de abuso e suas características é crucial para que amigos e familiares possam agir de forma eficaz, além de fomentar discussões sobre saúde emocional, relacionamentos saudáveis e comportamentos abusivos. Esse conhecimento torna o círculo social da pessoa em situação de abuso um aliado mais forte na luta contra a opressão e o controle, transformando a rede de suporte em um cenário onde a autonomia e a segurança da vítima são priorizadas.

#### 7.4. Apoio Emocional

O apoio emocional é fundamental para aqueles que vivenciam relações abusivas, servindo como uma rede de segurança que promove bem-estar e resiliência. Este tipo de suporte pode se manifestar de diversas formas, abrangendo a escuta ativa, a empatia e a validação das emoções do indivíduo. Amigos e familiares desempenham um papel crucial ao oferecer um espaço seguro onde a vítima pode expressar suas experiências sem medo de julgamento, facilitando, assim, a elaboração dos sentimentos difíceis que frequentemente surgem em cenários de abuso. A presença de alguém que escuta atentamente pode fazer uma diferença significativa no estado emocional, permitindo que a pessoa busque formas saudáveis de lidar com a dor e a confusão (Damasceno et al., 2024).

Além de proporcionar ambiente de acolhimento, o apoio emocional inclui também a oferta de orientações práticas. Isso pode envolver encorajamento para



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

buscar ajuda profissional, como terapia ou grupos de apoio, onde é possível aprender a identificar padrões abusivos e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes. As interações sociais saudáveis promovem um senso renovado de valor e autoconfiança, essenciais para que a vítima inicie o processo de recuperação. A validação que vem com o apoio emocional ajuda a dismantelar o isolamento frequentemente imposto por relacionamentos abusivos, permitindo que a pessoa enxergue seu valor inerente e acredite em sua capacidade de mudança (Correia & Vinhal, 2025).

Porém, é vital que o apoio emocional seja oferecido de maneira sensível e informada. Amigos e familiares precisam estar cientes de que, embora bem-intencionados, seus esforços podem inadvertidamente desencadear reações adversas. A abordagem deve ser pautada na paciência e no respeito ao tempo da pessoa em recuperação, evitando pressões para que esta tome decisões precipitados. Entender a complexidade das emoções humanas em situações de abusos é crucial para oferecer um suporte que não apenas acolha, mas que também empodere. Assim, o apoio emocional contribui para a reconstrução da autonomia e da autoestima, promovendo um ciclo perpetuador de saúde emocional e relacionamentos mais saudáveis no futuro.

#### 7.5. Reconhecimento de Sinais

O reconhecimento de sinais em relações abusivas é uma competência crucial que pode determinar a capacidade de uma pessoa escapar de um ciclo prejudicial. Os sinais, muitas vezes sutis e insidiosos, podem se manifestar de diversas formas, sendo fundamentais para a identificação precoce de comportamentos manipulativos. Entre os signos mais comuns estão a constante desvalorização e críticas, que podem fazer com que a vítima sinta que não é digna de amor ou respeito. Esse processo insidioso, comumente denominado de gaslighting, ocorre quando o agressor distorce a realidade de tal forma que a vítima



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

começa a duvidar de sua sanidade ou percepção do que está acontecendo (Chagas & Martins, 2022).

Além das críticas e do gaslighting, as relações abusivas frequentemente se caracterizam por um controle excessivo, onde o parceiro busca monitorar ou limitar a liberdade da outra parte. Isso pode incluir insistência em saber onde a pessoa está, com quem está e o que está fazendo, desconsiderando a autonomia individual. O isolamento é outro sinal crítico; muitas vezes, o agressor tenta afastar a vítima de amigos e familiares, criando um ambiente de dependência emocional e social. Esses comportamentos são frequentemente precedidos por um encantamento inicial, onde o abusador se apresenta como um amante ideal, que eventualmente dá lugar a ações dominadoras e violentas (Markendorf & Jardim, 2024).

Diante do exposto, a consciência e o entendimento desses sinais não apenas capacitam as pessoas a reconhecerem situações de abuso, mas também oferecem base sobre a qual amigos e familiares podem intervir e oferecer apoio. É importante que todos estejam cientes dos alertas não verbais, que muitas vezes incluem alterações no comportamento, na comunicação e na disposição da pessoa que pode estar em uma relação abusiva. Este conhecimento é vital, pois permite que intervenções precoces sejam feitas, ajudando assim a restaurar a dignidade e a autonomia da vítima, além de prevenir a evolução do ciclo abusivo. Reconhecer esses sinais é o primeiro passo em direção à recuperação e à construção de relacionamentos saudáveis e respeitosos.

#### 7.6. Prevenção de Relações Abusivas

A prevenção de relações abusivas é tarefa multifacetada que exige a abordagem de questões emocionais, sociais, educacionais e culturais. A educação emocional emerge como pilar fundamental nesse contexto, pois proporciona aos indivíduos ferramentas para reconhecer e expressar suas emoções de maneira



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

saudável. Integrar programas de educação emocional em escolas e comunidades pode ajudar a cultivar habilidades como empatia, assertividade e resolução de conflitos. Ao fomentar a autoconsciência e a capacidade de comunicação, esses programas impedem que comportamentos abusivos se desenvolvam, criando uma cultura de respeito mútuo e compreensão nas relações interpessoais (Castro, 2025; Jacinto et al., 2024).

Além da educação emocional, creio que campanhas de sensibilização desempenham papel crucial na transformação da percepção social sobre a violência e o abuso. Essas iniciativas podem ser implementadas em diversas plataformas, utilizando desde mídias sociais até eventos comunitários, para informar e engajar o público sobre os sinais de relacionamentos abusivos, assim como suas consequências. Tais campanhas devem ser cuidadosamente estruturadas, visando a desmistificação de estigmas e a promoção do diálogo aberto sobre questões de poder e controle nas relações contemporâneas. A disseminação de informações acessíveis e relevantes não apenas fortalece os indivíduos, mas também cria um ambiente em que as vítimas se sentem apoiadas e mais propensas a buscar ajuda.

Assim, essas estratégias, quando geridas de forma integrada, promovem transformação cultural em relação a como as relações são vividas e percebidas. A prevenção das relações abusivas, portanto, se apoia na construção de rede de suporte comunitário, onde a educação emocional e a conscientização social atuam em harmonia para prevenir não só a ocorrência de abusos, mas para construir relações interpessoais mais saudáveis e respeitadas. A implementação consistente destas abordagens, aliada a políticas públicas que reforcem esses valores, é essencial para o desenvolvimento de comunidades mais seguras e solidárias, onde o amor e o respeito superem a violência e o controle.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### Considerações finais

A exploração da dinâmica relacional no contexto de relacionamentos abusivos revela insights profundos e multifacetados sobre as influências psicológicas, emocionais e socioculturais que moldam essas interações. Ao examinar a "Clínica dos Três Olhares", desvendamos como as perspectivas individuais, particularmente as de vítimas, agressores e testemunhas, se entrelaçam para construir complexa trama de abuso. Essa abordagem ressalta a necessidade de compreender não apenas os comportamentos explícitos, mas também as motivações subjacentes e as estruturas sociais que perpetuam esses relacionamentos tóxicos a partir da perspectiva do olhar sobre mim, o olhar sobre o outro e sobre o olhar do outro.

Além disso, as implicações dessa análise multidimensional vão além dos limites dos casos individuais. Elas exigem reflexão social mais ampla sobre os fatores sistêmicos que normalizam ou exacerbam comportamentos abusivos. Reconhecer que o abuso não é meramente questão privada, mas sim uma crise de saúde pública entrelaçada com questões de poder, normas de gênero e narrativas culturais, posiciona a sociedade como participante do discurso em torno de estratégias de prevenção e esforços de reabilitação. O diálogo e a educação contínuos são essenciais para dismantelar o estigma que cerca tais experiências e promover ambientes onde os sobreviventes se sintam seguros para buscar ajuda. Os resultados da nossa discussão defendem mudança de paradigma em nossa compreensão das interações relacionais, levando-nos a engajamento crítico com as crenças e estereótipos arraigados que frequentemente ofuscam as realidades do abuso.

Em conclusão, a "Clínica dos Três Olhares" fornece estrutura abrangente que incentiva a empatia e a ação informada. Ao integrar as diversas perspectivas envolvidas no abuso, não apenas aprimoramos nossa compreensão dessas relações intrincadas, mas também iluminamos caminhos para intervenção e apoio.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

É imperativo que os esforços individuais e coletivos continuem a evoluir, promovendo a resiliência entre os sobreviventes e fomentando a responsabilização entre aqueles que perpetuam o dano. Ao buscar compreensão mais profunda dessas dinâmicas, abrimos caminho para a transformação cultural que prioriza relacionamentos humanos, respeitosos e equitativos.

### Referências:

Almeida, C. S. A. & Fornasier, R. C. (2025). Estigmatização e exposição midiática: impactos na dinâmica familiar de indivíduos sob investigação. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica de Salvador

Aragão, A. R., Lamarck, S., & Madeira, H. R. (2025). Espetacularização punitiva: A influência da mídia e dos meios de comunicação no devido processo legal criminal. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, (35), e71083-e71083.

Araújo, B. R. (2025). Violência vicária: uma análise jurídico e social. *REVISTA INTERNACIONAL DE VITIMOLOGIA E JUSTIÇA RESTAURATIVA*, 3(1).  
[doi.org/10.58725/rivjr.v1i1.107](https://doi.org/10.58725/rivjr.v1i1.107)

Barbosa, A. S. & Silva, M. R. (2024). A voz narrativa intrusa: as violências do patriarcado em Os homens que não amavam as mulheres, de Stieg Larsson *Revista 15 de outubro*. V.3, n.2, jul-dez.

Batista, H. A. O., & Dan, V. L. C. (2025). Femicídio e aq violência de gênero contra a mulher: Um estudo de caso sobre o assassinato de Fabiola Manente da Luz. *Revista de Ciência Política, Direito e Políticas Públicas-POLITI (K) CON*, 8, VOL80011-VOL80011.

Bechara, I. L. S., Cunha, M. F. C., & Machado, P. G. M. (2025). O princípio in dubio pro operatio aplicado às relações de trabalho no context do assédio moral: presunção de veracidade em prol do empregdo. *REVISTA FOCO*, 18(5), e8715-e8715.

Bittencourt, N. B. G., & Mendes, D. C. (2022). Estereótipos de gênero no curso de Secretariado Executivo: discussões a partir do olhar de estudantes do gênero masculino. *Revista de Gestão e Secretariado*, 13(1), 145-169.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Brasileiro, K. R. L., de Sousa, M. N. A., & Estrela, Y. D. C. A. (2025). Impactos na qualidade de vida de pacientes com Transtorno de Personalidade Borderline. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 25, e20560-e20560.

Carvalho Assis, M. A. (2025). Neurose de ansiedade digital na população do século XXI. *Revista Tópicos*, v. 3, n. 19, 2025. ISSN: 2965-6672. DOI: [10.5281/zenodo.15104787](https://doi.org/10.5281/zenodo.15104787)

Chagas, A. P., & Martins, M. D. G. T. (2022). Fenômeno gaslight: da manipulação psicológica ao empoderamento feminino. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(3), 579-596.

Correia, C. & Vinhal, F. (2025). *Rompendo o ciclo da manipulação emocional com a terapia cognitivo-comportamental em mulheres socialmente vulneráveis em Goiás*. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa. Universidade Federal de Goiás.

Doretto, G. V. M. & Neto, W. F. S. (2025). A identificação e prevenção da alienação parental pelos profissionais de Direito. *Revista Linhas Jurídicas*. v. 12, n. 1, jan-jun.

Farias, O. P. G. A., & Barreto, A. P. (2025). Relações violentas e a manutenção dos vínculos. *Revista Interação Interdisciplinar*, 7, 260-274.

Ferreira, J. A., et al., (2025). The social representations of abstinent alcoholics about alcoholic beverages and implications for development of alcoholism/As representações sociais de alcoolistas abstêmios sobre as bebidas alcoólicas e implicações para aquisição do alcoolismo. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 17.

Ferreira, J. A., et al., (2024). O protagonismo de mulheres idosas na denúncia da violência: uma Teoria fundamentada. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 33, e20230354.

Granja, A. C., Junior, H. M. P. L., & Ramos, E. D. J. O. (2024). Assédio moral e suas implicações na saúde mental das pessoas *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(6), 2461-2475.

Hogemann, E. R. (2024). Conquistas das mulheres no Brasil: A linha do tempo das leis e políticas públicas. *Revista do Ministério Público Militar*. a. 51, n. 45, nov. pp. 173-206,



Revista AMazônica, LAMESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Jacinto, F. M., Felipe, J. F., & dos Santos Souza, S. (2024). Entre o dever e o ser: o impacto das normas sociais na dinâmica dos relacionamentos tóxicos.. *Lumen et virtus*, 15(42), 6762-6774.

Leite, J. P. *et al.*, (2025). Um diálogo sobre a integração entre as abordagens humanista e psicanalítica na prática clínica. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(2), 2543-2560.

Liborio, D. T., & Mendonça, F. C. (2025). O papel do psicólogo no atendimento às vítimas de violência contra a mulher durante a pandemia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(6), 4354-4368.

Marcon, C. S., da Cruz Urpia, A. G. B., & Macuch, R. (2021). O papel do indivíduo para a cultura organizacional. *Revista Ciências Humanas*, 14(1). DOI: 10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a718

Markendorf, M. & Jardim, N. F. R. (2024). O horror sci-fi feminista de O homem invisível (2020). *Revista Criação & Crítica*. 39

Mazitelli de Oliveira, F., et al., (2024). Abuso sexual infantil e o silêncio no âmbito familiar. *Revista Acadêmica Online*.

Melo Vieira, L., Couto, J. C. H., & Rocha, W. S. (2023). A importância dos serviços de acolhimento psicológico e seu impacto no bem-estar de mulheres vítimas de violência doméstica. *Revista Contemporânea*, 3(10), 18988-19004.

Nery, M. C. R., Baptista, B. F., Amarante, R., & Vizzotto, V. C. (2024). O universal heterossexual, a violência contra a mulher e pessoas LGBTQIAPN no contexto da sociedade brasileira. Educação, violência, exclusão e promoção de políticas públicas: uma análise e reflexão sobre a comunidade LGBTQIAPN no Brasil. *Científica Digital*, 88-118.

Nicolau, C. D. E. L. R. (2024). *Relação do Apoio Familiar e Interações Online com Amigos, com o Bem-Estar dos Adolescentes Portugueses, considerando a Estrutura Familiar eo Género*. Dissertação (Mestrado) Centro Universitário de Lisboa

Oliveira, A. L., & Lima, W. C. (2024). A responsabilidade civil dos “influencers”: uma análise jurídica acerca do impacto da publicidade abusiva na era digital. *Revista de Estudos Jurídicos do UNI-RN*, (8), 150-173.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Oliveira, S. M. (2025). A Voz do Corpo nas Relações Abusivas: Contribuições da Análise Bioenergética. *Revista Latino americana de Psicologia Corporal*, 91-103.

Pinheiro, W. S., da Silva Junior, V. B., & Mota, S. F. (2025). A violência e seus efeitos psicológicos: uma análise da saúde mental em contextos de risco. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, 14(3), e4490-e4490.

Queiroz, D. G., & Lopes, J. A. B. (2025). A violência psicológica contra a mulher, suas consequências legais e a dificuldade de sua identificação e punição *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(4), 775-788.

Ribeiro, K. R., Mendes, G. V. S., Santos, J. P. S., & Veloso, C. S. M. (2025). O estupro silencioso: uma análise jurídica e social. *Revista Brasileira de Estudos Jurídicos*, 19(2), 1-17.

Rivelli, F. (2025). A violência digital e seus efeitos nas vítimas: desafios contemporâneos e perspectiva do ser humano digital. *Revista Internacional de Vitimologia e Justiça Restaurativa*, 3(1). doi.org/10.58725/rivjr.v1i1.100 p. 56-79

Sella, A. F., Francischett, L., Bini, R. P., Pizzatto, S. G. M., & Mendonça, S. C. P. (2024). Uso dos pronomes {senhor/senhora} e {você} em entrevistas realizadas pelo projeto cal em Capanema/Paraná/Brasil. *Ianua. Revista Philologica Romanica*, (24), 16-25.

Silva, C. A. & Paulino, P. (2022). Violência doméstica contra a mulher: olhares da psicologia e intercessão com a dimensão espiritual/religiosa. *Cadernos de Psicologia*. v. 3, n. 6, p. 804-825, jul./dez.

Silva, D. S., & Rocha, J. M. S. (2024). Alienação parental e os deficits na aprendizagem dos alunos. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, 10(1).

Silva, J. L. L. & Silva, A. A. (2025). A importância da perícia psicológica na avaliação e intervenção em casos de abuso sexual de crianças e adolescents *Revista Faculdades do Saber*. 10 ( 2 4 ) : 6 0 0 - 6 1 4

Silva, L. M. P. (2024). Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal do Amazonas.

Silva, L. W. & Pagnard, L. R. (2025). Relacionamentos abusivos a um passo do feminicídio no Brasil. *REVISTA FOCO*. v.18 n.6, e8862, p.01-21



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Souza Lima, T. A. (2024). Escritas sobre as relações com famílias na rede de saúde mental de Belo Horizonte. *Revista NUPEM*. v. 16, n. 37, p. 1-19, e-2024013, jan./abr.

Toledo, L. T. S., Júnior, M. A. M. V., dos Santos, S. D. T. M., de Melo Souza, F., & da Silva Dantas, M. I. J. (2025). Ansiedade na vida adulta jovem: uma revisão integrativa dos sintomas e das repercussões sociodisfuncionais. *Revista Contemporânea*, 5(5), e8112-e8112.

Vale, R., et al., (2025). *Mulheres que se amam-volume 3*: histórias reais de mulheres que desenvolveram a autoestima e resgataram a força e liberdade. Chave Mestra Editora.

Viana, D. S., & Costa, M. D. S. M. (2024). A cultura do patriarcado no Brasil: da violência doméstica ao feminicídio. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(5), 2829-2847.

Wenczenovicz, T. J., Locateli, C. C., & Rauber, A. P. (2025). Efetividade dos direitos fundamentais das mulheres rurais: Patriarcado, violência doméstica e acesso à justiça. *ARACÊ*, 7(5), 26905-26927.

**Submetido: 28/09/2025**

**Aprovado: 26/11/2025**

**Publicado: 30/11/2025**

## **Autores**

### **Ewerton Helder Bentes de Castro**

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). E-mail: [ewertonhelder@ufam.edu.br](mailto:ewertonhelder@ufam.edu.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

### **Janderson Costa Meira**

Mestrando no Programa de Pós – \_graduação em Psicologia da UFPR. Psicólogo



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pelo Centro Universitário Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Ex-Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – \_LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

### **Hadriely Regina Pessoa de Souza**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [hadriely20@gmail.com](mailto:hadriely20@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5477-0835>

### **Muriel Kiane Guimarães Jacob**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [murielkiane@gmail.com](mailto:murielkiane@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5708-0072>

### **Isabella Soares Faleiros**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [isabellafaleiros@gmail.com](mailto:isabellafaleiros@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3396-7604>

### **Isabelle Menezes dos Santos**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro. Membro do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN/UFAM. E-mail: [menezesisabelle@gmail.com](mailto:menezesisabelle@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6423-2951>



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

---